

## Escudo de Perseu: as estratégias de narrar o trauma nas crônicas de Eneida de Moraes sobre a ditadura de Getúlio Vargas

Robson Caetano dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Embora constituam um importante registro literário e histórico sobre os subterrâneos das prisões do período ditatorial de Getúlio Vargas, as crônicas da escritora paraense Eneida de Moraes não tem recebido o merecido destaque por seu valor estético e criativo ao tratar dos traumas e da memória. O presente trabalho analisa os recursos linguísticos ou estratégias da autora para narrar episódios traumáticos durante o período da ditadura de Getúlio Vargas à luz de teóricos como Seligmann-Silva, Freud e Paul Ricoeur.

**Palavras- Chave:** Eneida de Moraes. Ditadura. Getúlio Vargas. Trauma. Estratégias de narrar.

### INTRODUÇÃO

Segundo Seligmann-Silva (2008, p.70-71) a literatura é convocada diante do trauma para prestar-lhe serviço, pois esse busca na imaginação meios ou estratégias para poder ser narrado. Para o autor, essa teoria estética pode ser vista como uma espécie de *escudo de Perseu* que, conforme a lenda grega, foi o instrumento utilizado pelo herói para não mirar os olhos da Górgona, vendo apenas seu reflexo no escudo, pois seria transformado em pedra quem a mirasse. Tal relato nos remetem ainda às considerações de Walter Benjamin (1987, p.198) sobre as pessoas que voltaram da Segunda Guerra, emudecidas e incapazes de narrar os horrores que haviam presenciado. Neste contexto pode-se questionar: como narrar o que se deseja esquecer? Como descrever o indizível? Existiriam paliativos que permitem a narrativa ou escrita do trauma?

É óbvio que a pessoa traumatizada tem dificuldade de narrar o trauma, pois deseja esquecer o que se passou, evitando reconstruir a cena ou retornar a ela, mesmo retornando por vias da imaginação. Todavia há uma estranha necessidade ou carência de que isso seja feito. Uma espécie de prova de superação, de buscar extrair forças e coragem para se reerguer e prosseguir a vida, pois “narrar o trauma tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGAMANN-SILVA, 2008, p. 66). Para que isso se torne possível algumas estratégias são

<sup>1</sup> Doutorando em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC - Minas. Bolsista da CAPES.

apontadas e que serão analisadas neste trabalho nas crônicas da escritora paraense Eneida de Moraes: a de extrair forças no exemplo de terceiros, de pessoas que aparentemente sofreram mais do ela, ou seja: narrar mais o trauma alheio para assim conseguir narrar o próprio, em uma aproximação das reflexões teóricas de Ricoeur (2008) para o qual uma estratégia para esquecer um trauma seria narrar outro. Essa seria uma das faces do *Escudo de Perseu*, que procuraremos demonstrar.

## CRÔNICAS E CARTAS

Em *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos, também prisioneiro da ditadura fascista de Vargas, já pressentia o caráter enérgico de Eneida ao ouvir sua voz no pavilhão feminino, vizinho ao seu:

Vigorosa conversa política ali se desenvolvia, a pouca distância, dominada por um vozeirão de instrutor. Quem seria aquela mulher de fala dura e enérgica? (...) quem seria a criatura feminina de pulmões tão rijos e garganta macha? (...) Foi Valdemar Bessa quem me satisfez a curiosidade: a mulher de voz forte era Eneida. E apertava-se uma dúzia delas na sala 4. Olga Prestes, Elisa Berger, Cármen Ghioldi, Maria Werneck, Rosa Meireles, outras. (RAMOS, 2002, p. 224).

Mas quem seria realmente essa Eneida imortalizada pelas páginas de Graciliano Ramos? De onde retirava sua coragem e determinação, inclusive para narrar sua própria visão ou memórias, assim como Graciliano, anos depois, sobre episódios traumáticos das prisões fascistas de Getúlio Vargas? As respostas tentaremos encontrar agora em alguns trechos significativos de suas crônicas, presentes nas obras: *Aruanda* e *Banho de Cheiro*.

Eneida nasceu em Belém do Pará em 1903, ainda no período da borracha alta, quando o porto da capital paraense servia de escoadouro para a embarcação da borracha que vinha de Manaus para a Europa e outros países. A riqueza ocasionada com a exportação do produto tornou a cidade uma das mais prósperas do país. A própria família de Eneida pertencia a uma família de classe média alta. Como era costume entre essas famílias, entre os anos de 1913 e 1918, Eneida foi enviada para estudar em um colégio interno no Rio de Janeiro. Foi difícil e dolorosa a separação, principalmente de sua mãe tão querida. A saudade de sua ausência só era amenizada através de cartas. Eneida narra de forma tocante, em diversos trechos de suas crônicas, a correspondência

trocada com sua mãe descrevendo as mudanças que ocorriam em sua terra natal e no seio de sua família:

Um dia separamo-nos. Era preciso – assim foi julgado – que eu fosse internada num colégio. Ela deve ter sofrido mais do que eu, porque aos dez anos nenhuma criança feliz sabe o preço do sofrimento. Suas cartas diárias eram maravilhosas. Falavam-me de tudo: das manhãs claras, da mangueira, do quintal, dos meus irmãos, dos meus livros de estórias, da minha saúde. (“Cuidado com tuas correrias e teus saltos mortais; lembra-te que uma moça não gosta de ter as pernas escalavradas.”) Falava-me dos livros que lera e da maneira como eu devia conhecer os livros. Ensinava-me a ver gente, sentimentos e sonhos. Contava-me dos passarinhos que meu pai trouxera de sua última viagem, das aulas de piano que meu irmão jamais conseguiu dar, de tudo que era a nossa vida. (MORAES, 1989, p. 58).

Podemos visualizar aqui, de forma sutil, as primeiras estratégias para narrar o trauma: narrar outros acontecimentos para esquecer sua própria dor. Estava latente nas cartas o exemplo de coragem da mãe de Eneida, que sofria mais do que ela com a separação, mas sobre isso não demonstrava, dando os primeiros exemplos à filha. Eneida permaneceu no colégio até os 15 anos de idade e quando retorna, pouco tempo depois sua mãe falece. A dor dessa perda aparentemente a seguiria por toda a vida. Outro trauma que ela buscará consolo através do ato de narrar. Sua mãe morrera muito jovem. Aos vinte anos dera à luz Eneida e aos trinta e cinco anos falecera. Fora muito pouco o tempo de convivência das duas, devido ao colégio interno. Assim ela descreve em suas crônicas:

A dor só veio quando ela morreu. Justo eu acabava de chegar do colégio interno e fizera quinze anos. Dor enorme com a morte da amiga maior, melhor da companhia tão grande, da mãe tão amada. Sempre que ouço um galo cantar na madrugada, sempre que morre alguém que eu muito preze ou estime, quem morre novamente é ela, tanto está misturada na minha vida até hoje, misturada com a minha velhice, ela que morreu moça, como se eu estivesse vivendo agora para continuar a vida que ela não teve. (MORAES, 1989, p. 232).

Viver para continuar a vida que sua mãe não teve. Esse trecho pode ser considerado uma chave interpretativa para a força de viver de Eneida perante tantos traumas como se verá adiante. Sua mãe foi a primeira a dar exemplo de uma pessoa mais forte do que ela perante a dor e o trauma, primeiramente o da separação. Ela foi o exemplo de alguém para se extrair forças, através de suas memórias, e jamais abater-se perante situações adversas. Essa imagem certamente ajudou a moldar a mulher forte que se tornou Eneida, mesmo perante esse trauma da perda precoce: “Nunca a separei de mim, mesmo depois de sua morte; minha vida em sua companhia foi menor do que a sem

ela vivida. Não importa; marcou-se, escreveu-se, imprimiu-se em meus menores sentimentos”. (MORAES, 1989, p. 59).

Mais tocante ainda é quando, em uma data mais futura, ela relata outro trauma de uma dor também sem tamanho: o momento em que a polícia da censura de Getúlio Vargas invade sua casa em busca de papéis comprometedores, confiscando para sempre as cartas de sua mãe. Aquelas cartas que ela guardava em um baú, escondendo-as com grande ciúme e amor:

Possuí essas cartas por muito tempo, até que um dia – outro dia de há vinte anos – a polícia invadiu minha casa. Queria papeis importantes, muito importantes, que eu devia possuir. Haviam resolvido fazer-me heroína a força. Papeis importantes, planos de subversão da ordem (que ordem?). Não existiam naturalmente. Então, na fúria que marca os homens da polícia sempre, levaram aquelas cartas que eu guardava com tanto amor, que escondia com cuidado, muito cuidado, que reli muitas vezes sentindo sempre, como da primeira vez que o fizera, um nó na garganta, um bater apressado de coração enquanto uma voz repetia: “porque um soldado não chora”... (ENEIDA. 1989, p. 36-37).

A evocação no final deste trecho, de uma das muitas frases de sua mãe que ficaram guardadas na memória de Eneida, de que “um soldado não chora”, reforçam a interpretação sobre as primeiras estratégias de narrar o trauma em Eneida com o *Escudo de Perseu*: evocar o exemplo forte através da imagem e das palavras da mãe.

Segundo Santos (2005, p. 104) quando começaram as primeiras notícias dos conflitos da Revolução Constitucionalista de 1930, a escritora residia no Rio de Janeiro, onde distribuía panfletos nas ruas e fábricas e catequizava outros jovens. Mas naquele momento o lugar ideal de agitar as massas trabalhadoras de operários era São Paulo, por isso Eneida mudou-se do Rio para a capital paulista, onde ingressou nos quadros oficiais do PCB (Partido Comunista Brasileiro), em 1932. Depois que fracassou a revolução de 1935, Eneida foi investigada pela Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, sendo presa em janeiro de 1936 e ficando detida no Pavilhão dos primários cerca de um ano e cinco meses.

As crônicas de Eneida que relatam esse período não seguem uma ordem cronológica dos acontecimentos históricos. A própria Eneida fala na introdução de *Banho de Cheiro* que não tinha a intenção de escrever um livro de memórias, descrevendo tudo que viveu, mas apenas de pequeninos trechos, das lembranças mais profundas. Segundo suas próprias palavras, geralmente os memorialistas temem recordar coisas banais e aquele, para ela, era um livro banal. Aparentemente o “banal” esconderia ou camuflaria o trauma, um aspecto que podemos relacionar com as narrativas

traumáticas. Outra estratégia que poderá ser percebida nos relatos que se seguem, o qual começam quase sempre por coisas supérfluas, uma característica bem presente no gênero crônica.

Na crônica “Delírio número dois” Eneida descreve as reflexões e lembranças que são despertadas na observação dos pés e mãos das pessoas e das suas. Mãos que já tinham apertado muitas outras mãos amigas, acariciado cabecinhas de crianças que não tinham o hábito de carícias, mas que nunca fizeram gestos de perdão; nunca pediram; jamais imploraram e fecharam-se com força quando começaram a sentir as injustiças, as dores e misérias e os sofrimentos do homem. (ENEIDA, 1989, p. 118). E os pés? Para que destinos teriam sido conduzidos? Que impressões e lembranças despertavam? Segundo o texto *Lembranças Encobridoras* de Freud (1979), imagens aparentemente banais e insignificantes são encarregadas da missão de serem defensivas e camufladoras de recordações traumáticas. Assim, em outras palavras e em uma abordagem psicanalítica, o mecanismo de defesa dessas lembranças encobridoras e até traumáticas é o deslocamento, revelado por atos falhos, ou seja, lembranças que submergem do inconsciente de coisas insignificantes, mas que tentam encobrir lembranças dolorosas. Essas considerações são coerentes para nossa interpretação sobre quais aspectos o aparentemente “banal” nas crônicas de Eneida tentam esconder: a dor do trauma que pouco a pouco começa a se revelar. Outra estratégia do *Escudo de Perseu*.

Assim, nesta crônica, Eneida revela aos poucos em seu relato que o ruído dos pés caminhado tenta camuflar os traumas ligados aos tristes acontecimentos de 1935 e às prisões no pavilhão dos primários. Traumas que se vão desvelando aos poucos, revelando-se nas marcas de sua escrita:

Desde aquele dia em que pés transeuntes provocaram meu primeiro delírio, **deles nunca mais pude fugir**. E a prova é a narrativa desse meu delírio número dois:

Eu passara dois meses presa na Sala de Detidos da Polícia Central. Durante sessenta dias vira, ouvira, sentira, sofrera tantos e tantos sofrimentos, estava tão cheia do cheiro de sangue, meus olhos e meus ouvidos tão impregnados de dor, que quando fui mandada para a Casa de Detenção, senti alívio. Não sabia o que iria acontecer; mas **ficar onde estava era caminhar para a loucura**.

Precisarei dizer a data desse fato? **Quem já esqueceu os trágicos, sombrios, inquietantes e longos dias de 1935**: prisões cheias, espancamentos, torturas, arrancar de unhas, surras de chicote, ditadura policial, terror? Quem já esqueceu? (ENEIDA, 1989, p. 118, grifo nosso).

Os pés, e o som dos tamancos nos lajedos, trarão lembranças (“encobridoras”?) muito significativas ligadas a esse período. Eneida narra que quando chegou ao Pavilhão dos Primários logo seus ouvidos se encheram do ruído de pés, que ouvia do outro lado das paredes, mesmo sem

poder ver os corpos. Só que eram calçados de tamancos e ela percebia que eram pés que não estavam acostumados, isto é, não tinham nenhuma prática em andar com aqueles tipos de calçados. Mas por que tamancos? Por que não chinelos, já que lutavam a todo momento para caminhar naquele espaço tão pequeno? Ela percebia, pelo som, que aquele tipo de calçado quase sempre escapulia dos pés, mas logo eram procurados e recolocados novamente. Ao perguntar o porquê de todos andarem de tamancos Eneida logo obtém a resposta: “- Por causa da umidade do chão. Não vêes que isso é lajedo? Os sapatos de nada valem; os chinelos muito menos. O frio e a umidade atravessam calçados de qualquer espécie, daí ser preciso o tamanco.” (ENEIDA, 1989, p. 82). Eneida passa então a querer adivinhar, através das espessas paredes, de quem seriam os pés. Conheceria aquele ou não? Quem pisaria assim? Quem era aquele que caminhava cheio de ódio? Um parecia estar fazendo ginástica devido aos pés doloridos. Outra parece que embalava uma criança, cantando uma cantiga de ninar. A narrativa nos leva a refletir como é estranho que em momentos trágicos de nossa vida nos atentemos para coisas banais, as quais naquele contexto específico adquirem um outro significado, outra perspectiva. Por que no impacto da notícia da morte de um ente querido ou em outro momento trágico, ficamos, por exemplo, olhando estupidamente para um desenho na parede ou um inseto, refletindo sobre aquilo? Possível resposta: porque queremos evitar de pensar ou fugir de alguma forma da consciência do horror que estamos vivendo naquele momento.

Um dia finalmente Eneida conhece o dono de todos aqueles passos e é capaz de reconhecer a cada um pelo som específico. Esse dia foi o dia de sol. Uma prévia da liberdade, uma sensação de alívio momentâneo para os traumas que estavam sendo narrados. O som, em outro contexto, adquiria outros significados:

No dia em que, pela primeira vez, depois de muito e muito tempo, foi estabelecido o “banho de sol” para os presos políticos. Os tamancos subindo e descendo escadas. Os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros, **o ruído de pedaços de madeira batendo no chão, pareciam a mais bela das canções jamais escritas sobre liberdade.** Depois o tempo foi longo, tão longo que meus ouvidos aprenderam o ruído dos pés e dos tamancos. **Não precisavam mais identificá-los; não me provocavam mais, como de início, a perturbação dos pés que andam, que marcham, que vão e vêm.** Era capaz de saber o nome daquele que pisava o lajedo anunciando sua fome; conhecia bem todos os pisares. Meus tamancos eram irmãos de seus tamancos. O tempo foi longo, tão longo que todos caminhávamos com o mesmo ritmo; nossas vozes tornaram-se parecidas. (ENEIDA, 1989, p. 118, grifo nosso).

Essa estratégia metonímica, de focar em acontecimentos ou objetos banais para poder narrar o trauma também ocorre em “O capítulo dos relógios” quando a autora começa a falar sobre o valor e a inutilidade de objetos como o relógio, discutindo a relatividade de sua importância em determinados contextos de nossas vidas. É então que se inicia uma interessante narrativa ligando o relógio a mais um episódio dos sombrios dias do Estado Novo, conduzindo o leitor a profundas reflexões sobre o valor do tempo:

Uma noite, numa de minhas prisões (quem já esqueceu os trágicos dias do fascismo brasileiro?) fui levada da Casa de Detenção para a Polícia Cível. Ia ser novamente interrogada.

Quando cheguei ao sombrio prédio da Rua da Relação, puseram-me num cubículo onde já havia alguém. Era noite; estava escuro demais naquele pedacinho frio. Não consegui ver a pessoa presente. Perguntei:

- Quem é você?

- Não sou política, nunca me meti nisso, mas me prenderam. E você quem é? Não entendo de nada. Só se foi porque andei dizendo, na repartição, que precisamos ter liberdade no Brasil. Tenho também uns parentes que foram presos, mas eu sou eu (e soluçava)... Que horas são? (...).

- Você acha que vou apanhar? Vocês apanham muito, dizem. Não tenho medo não, mas não posso perder meu emprego. Que será de minha mãe se eu ficar sem emprego. Diga: eles matam? (ENEIDA, 1989, p. 118-119).

E uma vez atrás da outra a mulher perguntava as horas o que fazia com que o tempo demorasse mais a passar. E neste trecho percebemos outra estratégia: a noite toda Eneida lhe passava coragem, contando histórias de outras mulheres que também tinham perdido o emprego. Outras prisioneiras corajosas e mulheres valentes. E a todo momento era interrompida pela mulher que perguntava: “Que horas são?”. Quando voltou de seu próprio interrogatório, Eneida encontrou a mulher deitada no chão, chorando. Perguntou se Eneida apanhara, o que tinha acontecido. E assim passou a longa noite com o tempo se arrastando lentamente, buscando-se somente no ato narrar a tentativa de esquecer:

-Olhe, **conte outras estórias**. Que horas são?

Impacientava-se com aquela noite parada no espaço. O relógio não andava, com certeza. A cada hora pedida por ela e dada por mim, a moça se irritava:

- Não pode ser. Ainda duas horas? Ainda três horas?

Não dormimos um minuto sequer. As horas se arrastavam com tanta lentidão que eu me sentia exausta ao responder:

- 3 e 15; 3 e 20; 3 e 40.

Quase vivendo minuto a minuto estávamos as duas. **Seu sofrimento era tão grande, estava tão pouco preparada para ele, tão incontrolável era seu desespero, que resolvi dizer como consolo:**

- Sabe, meu relógio não vale nada. Atrasa sempre. É um relógio muito vagabundo, muito velho. Não se impressione com ele. Deve estar errado. Soltaram-na ao amanhecer. Ninguém a chamou para saber sequer seu nome. Era assim no Brasil daquela época. (ENEIDA, 1989, p. 120, grifo nosso).

Não há como não fazer uma ligação com o exemplo da falecida mãe de Eneida. Observa-se que a autora não narra o que acontecera em seu interrogatório. Para ela a preocupação maior era em aliviar a tensão de sua companheira, pois seu medo pelo que poderia acontecer era pior do que a tortura real. Mesmo tendo passado pela dor do interrogatório (Eneida não narra o que aconteceu com ela nesse momento. Por que esse trecho foi suprido pela autora? Por que prefere narrar, ao invés do seu, o trauma e o sofrimento psicológico da companheira, que acaba por se mostrar pior que o físico?). Eneida consegue encontrar forças para encorajá-las. Mais uma vez a Górgona não é vista diretamente nos olhos. Tudo graças à narrativa do que acontecera a sua companheira de cela e as reflexões sobre a banalidade do tempo e a utilidade do objeto relógios em momentos cruciais e traumáticos.

Algum tempo depois, no primeiro domingo depois daquela noite, chegou de presente para Eneida, na Casa de Detenção, um grande cesto com frutas, doces, queijos e um relógio de presente. Era da amiga desconhecida. Eneida nunca soube seu nome, mas encontrou-a ainda diversas vezes do lado de fora, saudando-a ao longe com as mãos e grandes sorrisos. Nunca mais lhe perguntou as horas.

Por fim, na crônica “Companheiras” é uma das que mais é possível de perceber “na dor de outrem” a estratégia para poder narra o próprio trauma. Eneida descreve com imensa sensibilidade a convivência com suas amigas na prisão, personagens históricas, e da força que passavam umas as outras naquele momento para enfrentar corajosamente o cárcere e suas adversidades de clima, a fome e a saudade da família. Mas a narrativa principalmente de uma dessas companheiras, que teria final trágico, teria significado especial. Assim inicia-se:

Durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado; no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas a qualquer momento.

Os dias – no inverno, como no verão – se arrastavam pesados, longos, sem monotonia, pois nossa constante preocupação era inventar formas para eles não fossem parecidos. Enchíamos com coragem e alegria todas as horas: ginástica, estudo, conversas, cânticos, passeio. Tão pequeno o espaço que possuíamos para caminhar, e o ruído dos tamancos cortava-o, ferindo o lajedo; as saudades impressas nos olhos; as constantes evocações. Quando se falava em quitutes variados, quando alguém dizia como se preparava esse ou aquele prato, podia-se olhar nos olhos: estavam todos famintos. Quando se contavam passeios e se falava de mar, praia, montanhas ou planícies, podia-se ver nos olhos

famintos uma ânsia de voltar à vida da cidade, da terra, do mundo. (ENEIDA, 1989, p.131).

Certamente Eneida era a que mais encorajava as amigas, tal como testemunhou Graciliano Ramos, mas a autora em nenhum momento descreve ou toma para si esse elogio. Nunca destaca mais o seu sofrimento, antes o torna igual ou valoriza mais o das companheiras. É reveladora a forma como Eneida apresenta em sua escrita como as profissões e as classes sociais não faziam diferenças e como a dor as igualava naquele instante:

Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala da Casa de Detenção, Pavilhão dos primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio fascismo do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas?

De um lado e do outro da sala, enfileiradas, agarradas umas às outras, vinte e cinco camas. Quase presas ao teto alto, quatro janelas fechadas por umas tristes e negras grades. Encostada à parede, uma grande mesa com dois bancos. Ao fundo da sala, os aparelhos sanitários. Por maior que fosse a nossa luta para mantê-los limpos e desinfetados, nunca conseguimos fugir do cheiro forte que exalavam.

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas; de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilografas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias.

Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. (ENEIDA, 1989, p.132).

É descrito em seguida suas semelhanças e diferenças, mas essas quase não haviam. Eram como se fossem irmãs, da mesma família. Os destinos de todas estavam unidos. Eram como se fosse uma única vida. Como diz Eneida, os filhos e os noivos de uma companheira, eram agora “nossos” filhos, “nossos” noivos. Novamente se revela como o ato de narrar a dor e o trauma alheio fornece um alívio, quase catártico, além de forças, para narrar a própria experiência traumática, uma estratégia bem presente na escrita da autora, perceptíveis nas marcas linguísticas em construções na primeira pessoa do plural:

Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de si próprias; as vibráteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todos os momentos para não deixarem abater. **Os filhos de Rosa eram nossos filhos.** Sabíamos as graças e as manhas com que embalavam aquela mulher forte, arrogante, atrevida sempre, mas tão doce, tão enlevada pelos “meninos”. Quando Rosa falava nos “meninos” ficávamos todas em silêncio. Onde andariam eles? A polícia arrancara-os daquela mãe, negava-se a informar onde se encontravam, não admitia que Rosa soubesse notícias da família: o marido foragido, a Irmã distante. E os “meninos”? No silêncio das noites, **Rosa fazia com que assistíssemos aos nascimentos, aos primeiros passos,** à primeira gracinha, ao primeiro sorriso, e depois o crescer rápido, a escola, os livros, idade avançando. Onde andariam eles?

**Problemas de uma, problemas de todas.** O noivo de Beatriz era o nosso noivo. Queríamos saber suas notícias, coisa que nem a própria noiva conhecia. **Problemas comuns.** Os filhos de Antônia estavam em Natal, mas onde andaria o marido de Nininha, preso do Rio Grande do Norte? (ENEIDA, 1989, p.132-133).

Eneida passa em trechos dessa crônica a vontade obstinada daquelas mulheres em sobreviver. O desânimo não as abatia. Da convivência umas com as outras, aquelas companheiras tiravam força. Uma fortalecia a outra. Isso se percebe na cooperação até mesmo pelo espaço, quando elas se revezavam, no reduzido cubículo para andarem todas ao mesmo tempo. Eneida diz que incrivelmente não havia contendas, inimizades, intrigas, como seria comum em situações de cárcere. Estavam todas unidas em torno de um mesmo ideal: sobreviver.

Um dia – jamais esquecerei esse dia – fazia muito calor e havia sol. Pareciam maiores as paredes da sala onde escrevêramos desabafos. A vida lá fora devia estar bela: era verão e com certeza ruas e avenidas ensolaradas viam passar mulheres de vestidos claros e leves. Na sala, aquela tarde havia tanto calor que descansávamos nas camas, abanando-nos com pedaços de papel. Como não tínhamos espaço para andar todas ao mesmo tempo, quando umas faziam outras eram obrigadas a ficar sentadas ou deitadas nas camas. Jogávamos paciência, algumas e o calor era tanto que nem tentamos falar. Qualquer gesto, qualquer palavra ou movimento iria aumentar o suor que escorria de nossos corpos cansados. Não podíamos perder a menor de nossas energias: devíamos sobreviver. (ENEIDA, 1989, p.133).

Assim é apresentada a chegada de uma nova companheira que deixaria outras profundas lembranças em Eneida, pois teria um destino pior do que todas, e como a escritora dirá mais adiante, narrar sua história era como cumprir um dever. Pormenorizadamente é contada sua entrada, evidenciando mais esse exemplo recorrente da autora de amparar-se em um sofrimento maior que o seu próprio para poder narrar experiências traumáticas. Observem-se as marcas linguísticas, repetitivas, que demonstram a missão que se incumbiu, de que tais exemplos de prova humana não deveriam ser esquecidos:

Foi nessa tarde que **tenho gravada na memória** que ela entrou na Sala das Mulheres. **Nunca esquecerei** seu ar de espanto nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. **Nunca esquecerei** o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos. Ouvimos os passos do guarda subindo a escada; as chaves na porta de grades; depois ela entrou. Estatura mediana, vestido estampado, olhos curiosos. Entrou em silêncio. Em silêncio o guarda a deixou ali. Olhou em torno. Procurou examinar uma a uma as mulheres, envolvendo-as todas num olhar imenso. Sentou-se na ponta de uma cama próxima, curvou-se, meteu os dedos por entre os cabelos.  
- Quem será?

- Que mulheres serão estas? – estaria se perguntando. (ENEIDA, 1989, p. 135, grifo nosso).

Havia uma combinação, um acordo entre elas, da maneira de como se portar ao receberem uma nova companheira. Não poderia haver constrangimentos, e sim o reconhecimento de que não se estava em um ambiente hostil e sim entre amigas. Realmente, foi assim que chegou a nova companheira, com o olhar acuado de um animal e cuja defensiva só é quebrada ao ouvir a palavra “comunista” de uma das mulheres:

Aproximamo-nos. Tínhamos sempre o cuidado de fazer o reconhecimento e o nosso próprio interrogatório; de onde vem, que fez, por foi presa, seu nome, etc. muitos etc. Perguntamos quem era ela, nenhuma resposta. Ninguém a conhecia; não nos conhecia. Insistimos. Levantou os olhos encarou-nos de frente, parecia um animal pronto a se defender. Nossas perguntas foram feitas em várias línguas. E ela continuava firme, sem a menor perturbação fisionômica.

-Não sabemos quem é você. Mas nós somos antifascistas, nós somos presas políticas. Cada uma de nós tem sua estória; esta veio presa do Norte, aquela esta aqui como refém porque o marido sumiu. Somos todas brasileiras.

Uma de nós adiantou-se e lhe disse:

- Eu sou comunista.

Foi a esse grito que aquela mulher despertou. Agarrou-se a companheira, beijou-lhe o rosto e pôs-se a exclamar com grandes lágrimas descendo pelo rosto alquebrado:

- Camarada, minha camarada! (ENEIDA, 1989, p. 135).

Depois disso a nova companheira chorava e ria ao mesmo tempo e finalmente se pôs a falar. Contou o quanto sofrera, o quanto a polícia a torturara monstruosamente, mostrando as marcas de dedos nos seios. Contou que lhe colocaram amarrada, nua no alto de uma escada enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios. Seu corpo ainda guardava marcas do chicote policial. Tinha sido jogada antes em celas de prostitutas, outras vezes de ladras. Isso explicava sua atitude de desconfiança quando chegara. Suas novas amigas começaram um corre-corre geral. Todas queriam lhe dar um pedaço de pão, um doce, uma fruta. Queriam lhe ajudar a tomar um banho, a trocar de roupa. A mulher comia sorrindo, de uma fome de dois meses. Entretanto, minutos depois chega um guarda dizendo que fora engano e que ela ira para outra prisão. E acrescentou sorrindo de forma irônica que seria “muito pior”. Eneida conta que nenhuma delas lhe disse adeus, para não demonstrar fraqueza, mas ela deixara vinte cinco amigas que fizera apenas naqueles poucos minutos e que no momento em que as grades se fecharam, cinquenta olhos choravam.

A estratégia de não demonstrar fraqueza, de supervalorizar a dor e o trauma de outrem, para conseguir forças com o objetivo de narrar o que ocorria nas prisões fascistas de Vargas é algo latente no trabalho estético da escritora paraense, não tendo como não fazer uma ligação ou remeter

sempre à estratégia do exemplo de sua falecida mãe de narrar, através das cartas, para esconder a dor da perda, da separação. Ou seja, narrar não para esquecer, mas de extrair exemplos de coragem e superação.

Eneida retrata em seguida que três meses depois a companheira de cela voltou, mas “Todas as noites, à meia noite, levantava-se e andava, andava de um lado para outro, sem uma palavra. De meia noite às duas da manhã ela devia apanhar; ficou-lhe uma psicose”. (ENEIDA, 1989, p.137). A palavra “trauma” não é citada neste trecho, como em todas as outras crônicas, mas está presente. Logo em seguida é revelada a identidade e o destino dessa mulher como mais uma vítima da política de Getúlio Vargas. E na escrita de Eneida, evidencia-se mais uma vez, suas estratégias para conseguir narrar o indizível:

Essa mulher se chamava Elisa Soborovsk, a Sabo Berger, Mulher de Henry Berger. O governo Getulio Vargas entregou-a mais tarde à Gestapo. Hitler matou-a.

Sabo, para mim, foi uma revelação; **jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei.**

Na noite em que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hitler, era inverno e tiritávamos de frio. **Sofríamos ainda mais**, porque tínhamos aprendido a amá-la.

**Recordando-a agora, cumpro um dever.** Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários. (ENEIDA, 1989, p. 137-138, grifo nosso).

Poucas narrativas sobre o trauma, mesmo se tratando de fatos que se desejam esquecer, apresentam a beleza singular das crônicas de Eneida em exemplos de coragem, altruísmo, abnegação e certeza da luta por um ideal. Em sua leitura se desmente a afirmativa de que “depois de Auschwitz, não haveria mais lugar para a poesia no mundo”, que conforme Leal (2005, p. 12) permitiu que vários escritores tentassem provar o contrário e extraíssem poesia da escuridão traumática e do terror inominável. Eneida consegue se inserir nesse quadro demonstrando que a criação literária se vale, muitas vezes, do fracasso da representação para produzir efeitos estéticos, ou seja, não apresenta tanto sua própria dor perante as lembranças traumáticas, mas indiretamente a superação desta através do narrar de outras experiências: a de suas companheiras de cárcere e do exemplo forte de superação da mãe, através das estratégias de buscar esconder a própria dor e valorizar e narrar mais a do semelhante.

## CONCLUSÃO

As crônicas de Eneida de Moraes tendo como tema o período ditatorial de Getúlio Vargas revelaram ser um importante *corpus* de estudo para a literatura de testemunho sendo que apresentam estratégias diferenciadas de narrar o trauma e o indizível, as quais podem ser sintetizadas a seguir:

-Embora sejam narradas em primeira pessoa e se ancorem em fatos reais, indo de encontro ao pressuposto da grande complexidade de narrar o trauma, produzindo um discurso de isolamento, carapaça ou barreira entre o sobrevivente e seus demais companheiros, segundo Seglimann (2008, p. 66-67) percebe-se na leitura dos textos de Eneida que a mesma consegue extrair coragem e força para prosseguir seus relatos a partir de exemplos de outras pessoas, companheiras de seu infortúnio da prisão confirmando Paul Ricoeur (2008, p. 459) ao dizer que “narrar um drama é esquecer o outro”. Só assim é possível fitar os olhos da Górgona e conseguir realizar o ato de narrar o trauma em suas crônicas.

#### ABSTRACT

Although it constitutes an important literary and cultural register of the underground prisons of the dictatorial period of Getúlio Vargas, Eneida de Moraes' chronicles have not yet received the deserved prominence and aesthetic evaluation for their representation of trauma and memories. This paper analyzes the linguistic features and strategies used by the author to narrate traumatic events, using a theoretical framework based on Seligman-Silva, Freud, and Paul Ricoeur.

**Keywords:** Eneida de Moraes. Dictatorship. Getúlio Vargas. Trauma. Narrative Strategies.

#### Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- FREUD, S. (1969). Lembranças encobridoras. *In*: J. Salomão (Org.). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago. 1969. 201 p.
- LEAL, Carlos. **Trauma e Literatura: repetição e criação na literatura e na psicanálise**. 44º Congresso da Associação psicanalítica Internacional. Rio de Janeiro, 28-31 de julho de 2005. Disponível em:  
<[www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/leal\\_ipa.doc](http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/leal_ipa.doc)> Acesso em 02 Set. 2015.
- MORAES, Eneida de. **Aruanda; Banho de Cheiro**. 2ª Ed. Belém: SECULT; FCPTN, 1989. 306 p.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 39º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 728 p.

RICOEUR, Paul. **História, Memória. Esquecimento**. 1ª Ed. Campinas: UNICAMP, 2008. 536 p.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. **Eneida de Moraes: militância e memória**. Revista Em Tese. Belo Horizonte, v. 9, p. 99-106, dez. 2005. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3539/3499>> Acesso em 04 Set. 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.